

A Phýsis nos fragmentos de Heráclito

Martim Silva

Phýsis é uma palavra muito antiga, cuja origem se confunde com o próprio surgimento da filosofia. Historicamente, seu sentido originário se transformou de tal maneira que sua ressonância pode ser atualmente verificada em duas vias principais. A primeira remete à Física de Aristóteles, a partir da qual se desenvolveu gradativamente o campo da ciência que contemporaneamente designamos exatamente do mesmo modo. A segunda remete à tradução latina do próprio termo phýsis (uma noção anterior à de uma disciplina ou epistémē da phýsis: hé physiké ou “física”) – “natura”, em português “natureza”, - que se funda na tentativa de recriar no latim a própria metáfora a partir da qual se formou a palavra grega.

Contudo, se na palavra “física” temos uma manutenção da fonética grega praticamente intacta, não é difícil notar que esta não nos diz, atualmente, muito sobre o âmbito originariamente delimitado na palavra phýsis. “Natureza”, por sua vez, refere-se ainda a um âmbito que, se originariamente derivado da experiência da phýsis, se tornou historicamente contraído e cristalizado.

Os antecessores da filosofia, Aristóteles designou, quase que indiscriminadamente, como “physikoi” ou “physiológoi”. São aqueles que se ocupam, que compõe um lógos acerca da phýsis. Mas o que isto poderia significar, antes mesmo de se estabelecer uma tradução para phýsis? Físicos, fisiólogos ou naturalistas – em uma tradução como que literal – não deixaria de estar parcialmente de acordo com a caracterização materialista que se consolidou historicamente acerca destes pensadores. Contudo, a associação destes termos às ciências naturais contemporâneas sugere, equivocadamente, uma prática análoga às suas respectivas metodologias experimentais e critérios de

razoabilidade, que, como defende Conrford (1952), em muito pouco coincidem com a “física” que se desenvolveu na Jônia.

Como aponta Heidegger, a distinção entre “phýsei ónta” e “tékhne ónta” considerada por Aristóteles não corresponde à amplitude a que se dirigem a sentença de Anaximandro ou os fragmentos de Heráclito enquanto phýsis – a unidade dos entes em sua multiplicidade, tà ontá:

Phýsis quer dizer: céu e terra, plantas e animais, como, em certa medida, o homem. Esta palavra refere-se a uma região particular do ente que se delimita, de maneira geral, tanto em Platão quanto em Aristóteles, em face do éthos e do lógos. Phýsis não possui mais a ampla significação da totalidade dos entes. O modo de ser dos entes no sentido dos phýsei ónta é delimitado por Aristóteles no início das considerações temáticas da Física, isto é, da ontologia dos phýsei ónta em face dos teckhné ónta. Os primeiros são aquilo que no seu emergir se produz a partir de si mesmo; os outros são aquilo que é produzido através da representação e do fazer humanos (HEIDEGGER, 1989, p.21).

Ainda assim, a questão central não se encontra aqui em substituir ou manter o termo phýsis. Como indica Heidegger (1998, p.114), o risco reside, sobretudo, mesmo quando ponderamos que os gregos possuíam uma “concepção de natureza” essencialmente diversa que não se deixa comparar com a concepção moderna, em podermos continuar pensando em essência dos entes – “natureza” – quando escrevemos a palavra “phýsis”.

De um modo ou outro, “natureza” permanece uma região determinada do ente: plantas, animais, rios, montanhas... Isto é, uma maneira de tornamo-nos capazes de explicar e designar um sentido de ser, nos habituar e tornar seguros, jamais perplexos ou espantados, diante da realidade de suas realizações. Desta maneira, dizemos tratar-se de uma naturalização quando se remete um fenômeno social que nos deveria causar (no mínimo) espanto à maneira mecanicista a que submetemos já de antemão estas manifestações contidas na categoria “natureza”. É que, assim como com

a natureza, sobre a qual se elaborou e difundiu um projeto de tornamos mestres e senhores, acabamos por perceber a nós mesmos enquanto objetos a serem categorizados, quantificados, “coisificados”.

Enquanto descrição do próprio surgir e desenvolver-se, *phýsis* designa o surgimento em sua complexidade quase paradoxal. Ao problematizar a “natureza” da filosofia e das transformações históricas, a pergunta sobre o que é *phýsis*, ao contrário de se dissolver, se expõe e entrelaça com toda a gama de questionamentos sobre o real que nos levam a ela... O que nasce, mas não apenas o que literalmente nasce, o que surge e se desenvolve a partir de um salto ou passagem à região do desvelamento, dá-se à percepção e ao pensamento de modo principalmente autêntico e, por isto, indica sempre uma provocação a quem quer que ouse espantar-se com o desdobrar-se nada óbvio do real.

No curso sobre Heráclito ministrado em 1943, intitulado *A Origem do Pensamento Ocidental*, assim como na conferência *Alétheia*, Heidegger indica o fragmento I 6DK como aquele em que se apresenta, mais propriamente, a questão que conduz este pensamento. “O espanto do pensamento”, diz ele, “fala através da interrogação” (HEIDEGGER, 2001, p.229):

Tò mé dŷnón pote pōs án tis láthoi?¹ (HERÁCLITO, fragmento I 6DK).

Neste fragmento, encontramos um questionamento sobre a possibilidade de alguém manter-se encoberto, alheio, diante do que, a cada vez, já não declina, tem ocaso, se ausenta. Deixando soar a pergunta, logo nos parece que ela responde a si mesma; o que já se apresentava na perspectiva de Clemente de Alexandria, que a citou dizendo: “talvez seja possível que alguém se possa manter escondido diante da luz perceptível

1. Tradução de Emmanuel Carneiro-Leão: “Como alguém poderia manter-se encoberto face ao que nunca se deita?” (2005, p.63). Embora a tradução de Emmanuel Carneiro-Leão, considerado o ponto de vista adotado neste trabalho, mostre-se, de maneira geral, mais apropriada, não foi considerada isoladamente. Para os fragmentos que compõe este artigo, optou-se por confrontar as cinco traduções para o português consultadas com o original, de modo que a articulação de sentidos pudesse ser melhor percebida.

pelos sentidos; diante da luz espiritual, porém, é impossível, ou, como diz Heráclito...” (apud HEIDEGGER, 2001, p. 230).

Contudo, ainda que traga em si a afirmação do que estaria perguntando, não se trata, por isso, como observa Heidegger, de uma pergunta retórica. Isto porque não leva à dissolução do questionamento, mas, afirmando em forma de pergunta, põe o questionamento de maneira dinâmica, desdobrando-o. Se está mesmo afirmado que diante do que nunca declina ninguém pode manter-se encoberto, resta ainda pensar de que maneira - e por que - é assim. Com este modo de perguntar, Heráclito aponta para o que, retraindo-se, merece ser questionado, o “a-se-pensar”.²

Segundo Heidegger (1998, p.101), a expressão negativa τὸ μέ δῆνόν pote (“o que, a cada vez, já não declina”) corresponde à dimensão ontológica do que permanece surgindo incessantemente, isto é, τὸ αἰὲν φύον (o surgimento incessante), ἡ φύσις. Nesta expressão, entretanto, há o cuidado de, em se tratando do aspecto mais amplo do a-se-pensar – diante do qual não se pode manter-se encoberto – dizer-lhe indiretamente, em uma dupla negação.

Esta dimensão ontológica, contudo, é dita nos fragmentos de Heráclito sob mais de um ponto de vista, aos quais correspondem palavras utilizadas sempre de maneira cuidadosa e articuladora de sentidos, como πῦρ, ζῶέ, φύσις, λόγος, κόσμος, harmonía³.

2. “O questionamento oportuno consiste em saber onde e a propósito de que já não se pode questionar. O questionamento pensante e o saber questionar no modo dos pensadores já é, em si mesmo, um saber original. Esse saber deve ser aprendido do questionamento, e só assim.(...) Ou ainda, na simples forma de pergunta transparece a resposta ainda não questionada que, então, nos sobressalta e conduz para o que merece ser questionado. A resposta de que nenhum homem poderia se manter encoberto face ao que nunca declina transfere a sentença de um pensador para a forma de questão, a fim de se prossiga pensando como, ou seja, em que medida e por que, isso é assim” (HEIDEGGER, 1998, p.64;65).

3. “Só porque se faz a experiência de ser como junção e *phýsis*, e porque se conhece a palavra em seu dizer como modo fundamental da escuta de ser, o próprio dizer pode e deve ser concebido como a relação de abertura com a unidade da junção, como colher, isto é, como *légein*. (...) *lógos*–*harmonía*–*phýsis*–*kósmos* dizem o mesmo, só que a cada vez numa outra determinação originária de ser” (HEIDEGGER, 1998, p. 188). Para a correspondência entre *phýsis*, *πῦρ*, *ζῶέ*, *alétheia*, consultar as seguintes páginas da obra citada: 99 a 109 e 113 a 120.

Na articulação de tais significações, abre-se diante nós um modo próprio de trazer à tona a articulação unitária da multifacialidade do real em seu desdobrar-se imprevisível. Como alguém poderia retirar-se diante desta reinauguração eterna? Ou, como pergunta o poeta ao tirano, “como vai impedir, quando o galo insistir em cantar?” (BUARQUE, 1978, f.11).

No fragmento I23DK, diz Heráclito:

Phýsis krýptesthai phile⁴

O fragmento nomeia diretamente phýsis; mas em que sentido? Certamente não se trata de uma definição conceitual; mais parece um rompimento intencional do princípio de não-contradição. Contudo, tratar-se-á de uma característica acidental da phýsis – krýptesthai phile (tender ao encobrimento)? Quando se traduz este fragmento como “a natureza ama ocultar-se” (isto é, a partir da tradução latina) ou “a essência das coisas tende a ocultar-se” (isto é, a partir do ponto de vista da tradição filosófica), a dificuldade de ater-se à riqueza da composição de significados no fragmento não se faz tanto por uma questão de adequação ou inadequação dos termos (“natureza”, “essência das coisas”), mas por uma associação quase mecânica destes a um modo de significação por princípios inteiramente diversos. Mesmo em uma tradução diferente, ou mantendo-se o termo phýsis, correremos o risco de ouvir o fragmento como uma afirmação curiosa ou uma simples sobreposição de significados opostos.

Quando aponta para o co-pertencimento entre o surgimento e o encobrimento, Heráclito nos remete, sobretudo, à perspectiva cosmológica em que ambos compõem a unidade dinâmica que repousa

4. Traduções para o português consultadas: “natureza ama ocultar-se” (ALEXANDRE COSTA, 2002, p.198), “surgimento tende (já) ao encobrimento” (CARNEIRO-LEÃO, 2005, p.123), “a phýsis tende a ocultar-se” (BERGE, 1969, p.291), “a natureza ama esconder-se” (BORHEIN, 1977, p.43) e “natureza ama esconder-se” (SOUZA, 1989, p.91).

em si mesma, transformando-se⁵: τὸ μέ δῆνόν pote. Enquanto a-se-pensar originário, “surgimento” não é (apenas) uma característica de uma região determinada de entes, mas uma descrição da totalidade do real enquanto aparecimento (phýon).

Diante disto, pensamos estar mais próximos de um âmbito correspondente a noções amplas como, por exemplo, “realidade” ou “existência”. Entretanto, é preciso preservar a articulação entre os sentidos mais e menos amplos do partícipio phýsis, isto é, o que surge, o surgimento do que surge e o surgir do surgimento. Nesta articulação, “surgimento” se preserva enquanto unidade experimentada em um espanto de pensamento.

Como no fragmento de Heráclito 60DK, “caminho: para cima, para baixo, um e o mesmo”⁶, phýsis e krýptesthai se dão sempre em seu pertencimento mútuo, manifestando-se não apenas simultaneamente nesta relação, mas a partir dela. O que surge, vindo do velamento, é precisamente o que encobre o surgimento mesmo; e o que se vela, a partir do desvelamento, é o que desvela, em seu conjunto, o âmbito do surgimento e do velamento:

Ao desaparecer, o visível deixa aparecer o horizonte. (...) Mostrando, onde está o horizonte, o navio desvela o que é o horizonte: o lugar em que, subtraindo-se à visão, o visível desaparece no invisível. Para ser a estância de visibilidade e invisibilidade, o horizonte se mantém à di-stância do visível e invisível. É obstando e pré-stando visão que o horizonte di-sta de visível e invisível. E assim di-stando vem a estar, pro-stando-se como estância de aparecimento e desaparecimento. (...) É o que compreendemos quando, subtraindo-se ao horizonte, o navio desaparece na di-stância. (...) No jogo de a-trair e dis-trair, o horizonte se anuncia como doação de visibilidade (CARNEIRO-LEÃO, 1991, p.182).

5. HERÁCLITO, fragmento 84. Tradução de Emmanuel Carneiro-Leão (2005, p.81): “transformando-se, repousa”.

6. Tradução de Emmanuel Carneiro-Leão (2005, p.75).

Deste modo, como afirma Heidegger, a experiência do kósmos enquanto arranjo entre surgimento e encobrimento se faz, sobretudo, a partir do retraimento, quando o horizonte, demarcando o limite entre o presente e o ausente, se mostra enquanto um e o mesmo caminho para o que advém:

A phýsis é o inaparente. Como o que propicia a clareira que se abre para um aparecimento, o surgimento é o que se retrai em todo aparecer e em tudo o que aparece, não sendo ele mesmo alguma coisa que aparece em meio às outras. Por isso mesmo, no âmbito restrito do visível, o que de imediato e muitas vezes recebe com exclusividade a nossa atenção é que primeiro se encontra à luz e se mantém acessível enquanto o que é iluminado. A própria luz é, ao contrário, o meio indiferente e evidente, que só recebe a nossa atenção e, mesmo assim, só de forma passageira, se o objeto iluminado se torna para nós inacessível em virtude de uma obscuridade casual (HEIDEGGER. 1998, p.54).

Phýsis indica, portanto, a re-inauguração incessante do aberto e do fechado, a dimensão insurgente, a cada momento, no arranjo de surgimento e encobrimento. Não se reduz ao que surge nem ao que se encobre, mas, pelo contrário, a cada vez, nem surge nem declina, sendo sempre a junção inaparente à qual não se pode retirar-se.⁷

Esta junção é garantida por uma amizade ou um co-pertencimento (philía), que se apresenta no fragmento como parte não menos importante do que nele é dito. Mais uma vez, precisamos voltar um passo no automatismo representativo e evitar a consideração da experiência da amizade enquanto característica exclusivamente humana. A palavra philía, marcadamente presente no pensamento arcaico, indica uma relação originária entre o que, co-existindo num todo articulado, está sempre co-pertencido e irmanado. Trata-se do ser em conjunto (harmonía) que, desdobrando-se em potências opostas, mantém-se em movimento contínuo de reinauguração.

7. Cf. HEIDEGGER, 1998, p. 184.

Mais do que em palavras de significação ampla como “realidade” ou “existência”, talvez guardemos uma experiência mais próxima quando, referindo-nos não ao pulsar biológico do organismo – mas ao surgimento incessante do inesperado diante do qual ninguém pode manter-se encoberto – dizemos imersos em perplexidade: “É a vida!”⁸. Na canção “o rei”, de Luiz Tatit, um demônio propõe o enigma: “Qual o rei que não morre, nem nunca envelhece, e que é vitalício?”, e a resposta, dita a um menino que se lembra de perguntar-lhe, é dada pelo antigo rei, há muito esquecido pelo seu povo: “É só o reinício” (TATIT, 2001, f.9).

Referências bibliográficas

ARISTÓTELES. *Metafísica*. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

BERGE, Damião. *O lógos heráclítico*. Rio de Janeiro: Instituto nacional do livro, 1969.

BORHEIN, Gerd A. *Os Filósofos pré-socráticos*. São Paulo: Cultrix, 1977.

CARNEIRO-LEÃO, Emmanuel. *Heráclito e a aprendizagem do pensamento*. In *Revista de Filosofia Antiga - Kleos*. Rio de Janeiro - IFCS - UFRJ: v.1, n.1, p.113 - 142, 1997.

_____. *Os pensadores originários*. Petrópolis: Vozes, 2005.

_____. *Aprendendo a pensar vol.1*. Petrópolis: Vozes, 1991.

_____. *Aprendendo a pensar vol.2*. Petrópolis: Vozes, 2000.

CAVALCANTE DE SOUZA, José; et AL. *Os pré-socráticos (Coleção os pensadores)*. São Paulo: Abril Cultural, 1989.

CHICO BUARQUE. *Chico Buarque*. [São Paulo]: Universal, p1978. ICD.

8. Para Heidegger, a pergunta pela *phýsis* corresponde ao próprio questionamento do sentido do ser. A referência aqui, entretanto, se faz pela exclamação de uso “irrefletido”, e, nesse sentido, podemos nos aproximar da leitura de Nietzsche.

COLLI, Giorgio. O nascimento da filosofia. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

COSTA, Alexandre. Heráclito: fragmentos contextualizados. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

HEIDEGGER, Martin. Heráclito. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1998.

_____. O que é isto – a filosofia? In: Heidegger (coleção os pensadores). STEIN, Ernildo (Org.). São Paulo: Nova Cultural, 1999.

_____. Lógos. In: Ensaio e Conferências. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. Alétheia. In Ensaio e Conferências. Petrópolis: Vozes, 2001.

HERÁCLITO. Fragmentos. In: Os Filósofos pré-socráticos. Tradução de Gerd A. Borhein. São Paulo: Cultrix, 1977.

_____. Fragmentos. In: Heráclito: fragmentos contextualizados. Ed. Bilíngüe, tradução e comentários de Alexandre Costa. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

_____. Fragmentos. In: Os pensadores originários. Ed. Bilíngüe, tradução de Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis: Vozes, 2005.

_____. Fragmentos. In: O lógos heráclítico. Ed. Bilíngüe, tradução de Damião Berge. Rio de Janeiro, Instituto nacional do livro, 1969.

_____. Fragmentos. In: Os pré-socráticos. Tradução de José Cavalcante de Souza et AL (Coleção os pensadores). São Paulo: Abril Cultural, 1989.

KIRK G.S & RAVEN, J.E. Os Filósofos Pré-Socráticos. Lisboa: Fundação Caloute Gulbenkian, 1982.

LUIZ TATIT. Felicidade. [São Paulo]: Dabliu, p.2001. ICD.

NIETZSCHE, Friedrich. A Filosofia na Idade Trágica dos Gregos. Lisboa: Edições 70, 1987.